

depois das guerras que levariam à perda da província Cisplatina. Esteve também presente no combate de Sarandi², em 1824, sendo o único oficial a escapar com vida.

Em 1833, ingressou na política, integrando a ala dos republicanos moderados do Partido Liberal. Naquela época, não havia nenhum problema em militares terem uma carreira política paralela, pois o Exército não era uma força significativa na vida política brasileira³. Tendo inicialmente aderido à Revolta Farrroupilha⁴, mudou de lado rapidamente e passou a combater pelo Império, após a radicalização do movimento e a proclamação da República Rio-Grandense em 1836. Sua carreira militar tomou novo impulso após conhecer Caxias, presidente da província e comandante de armas desde 1842, e passar a servir sob suas ordens⁵. Os dois homens travaram uma amizade que duraria o resto das suas vidas.

A importante carreira militar de Osorio desenrolou-se no cenário das guerras platinas. Ele lutou nas guerras contra Manuel Oribe⁶, no Uruguai, cujo exército se renderia em 1851, e contra o caudilho argentino Juan Manuel de Rosas⁷, participando da famosa batalha de Monte Caseros⁸, em 1852, na qual Rosas saiu derrotado. Seu desempenho e bravura lhe valeram sucessivas promoções, até atingir o posto de brigadeiro. Em 1864, comandou a Primeira Divisão de Cavalaria na invasão do Uruguai, outra vez inimigo do Brasil sob o comando de Atanásio Aguirre.

Na Guerra do Paraguai, a carreira militar de Osorio chegou ao apogeu. Foi o comandante-em-chefe das forças imperiais no início da guerra, liderando 33 mil soldados na batalha do Passo da Pátria⁹, em 1866, decisiva no avanço da Tríplice Aliança. No mesmo ano, foi vitorioso nas batalhas de Tuiuti¹⁰, sendo ferido e por isso obrigado a licenciar-se. Voltou ao cenário da guerra no ano seguinte, atuando nas batalhas de Tuiuti e Tuiui-Cuê e teve atuação decisiva na batalha do Avaí¹¹, em 1868, da qual saiu gravemente ferido no maxilar. No final da guerra, quando as forças brasileiras estavam já sob o comando do conde d'Eu¹², recebeu o comando do 1º Corpo do Exército. Foi, porém, obrigado a retirar-se por adoecer durante a campanha.

2 DONATO, Hernani, **Dicionário das batalhas brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária (1996)**, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ibrasa, 2001, p. 529–530.

3 SODRÉ, Nelson W., **História militar do Brasil**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 180.

4 DONATO, **Dicionário das batalhas brasileiras**, p. 117–120.

5 SOUZA, Experiência, configuração e ação política, p. 104–105.

6 VAINFAS, Ronaldo (Org.), **Dicionário do Brasil imperial, 1822-1889**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 516–517.

7 *Ibid.*, p. 447–448.

8 DONATO, **Dicionário das batalhas brasileiras**, p. 365.

9 DORATIOTO, Francisco, **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 209–210.

10 BENTO, Cláudio M., **General Osório: o maior herói e líder popular brasileiro**, Resende: Academia de História Militar Terrestre do Brasil : Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, 2008, p. 178–180.

11 DORATIOTO, **Maldita guerra**, p. 364–367.

12 VAINFAS (Org.), **Dicionário do Brasil imperial**, p. 156–158.

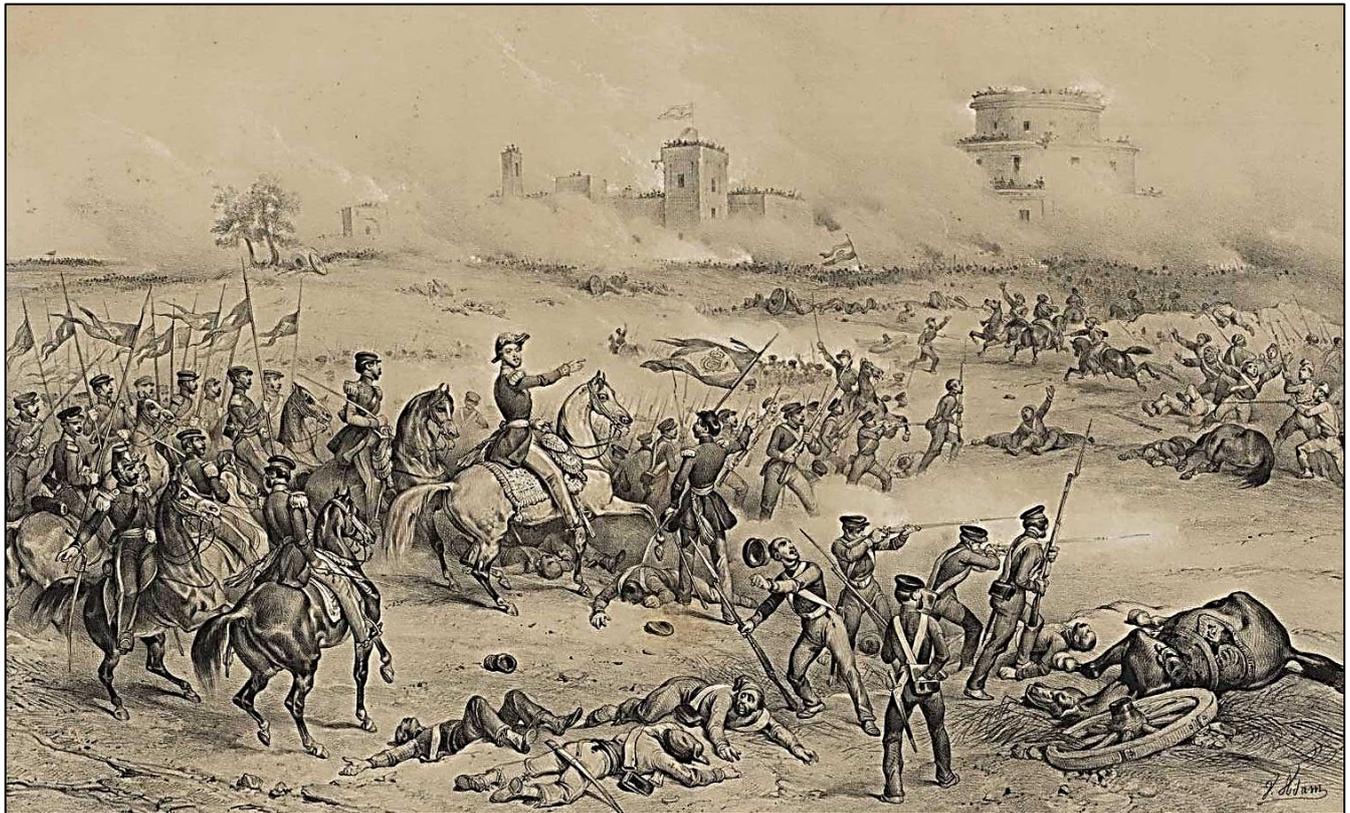
A carreira de Osorio foi coroada com a promoção a marechal-do-exército e a concessão do título de marquês do Herval, em 1868. Em 1877, foi escolhido senador pelo Rio Grande do Sul e chegou a ministro da Guerra no ano seguinte. Morreu no Rio de Janeiro, aos 71 anos de idade, em 4 de outubro de 1879.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1131321870369556&set=gm.2103709049680134&type=3&theater&ifg=1>

(continua)



Batalha de Monte Caseros. No centro, o Conde de Porto Alegre (Fonte: Google)



A rendição dos paraguaios em Uruguaiana. A cavalo, em primeiro plano, o Imperador Dom Pedro II. Em segundo plano, bem à direita, Caxias e o Conde de Porto Alegre (Fonte: Google)



A Batalha do Avaí em pintura a óleo de Pedro Américo. Em primeiro plano: Osorio (Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro).

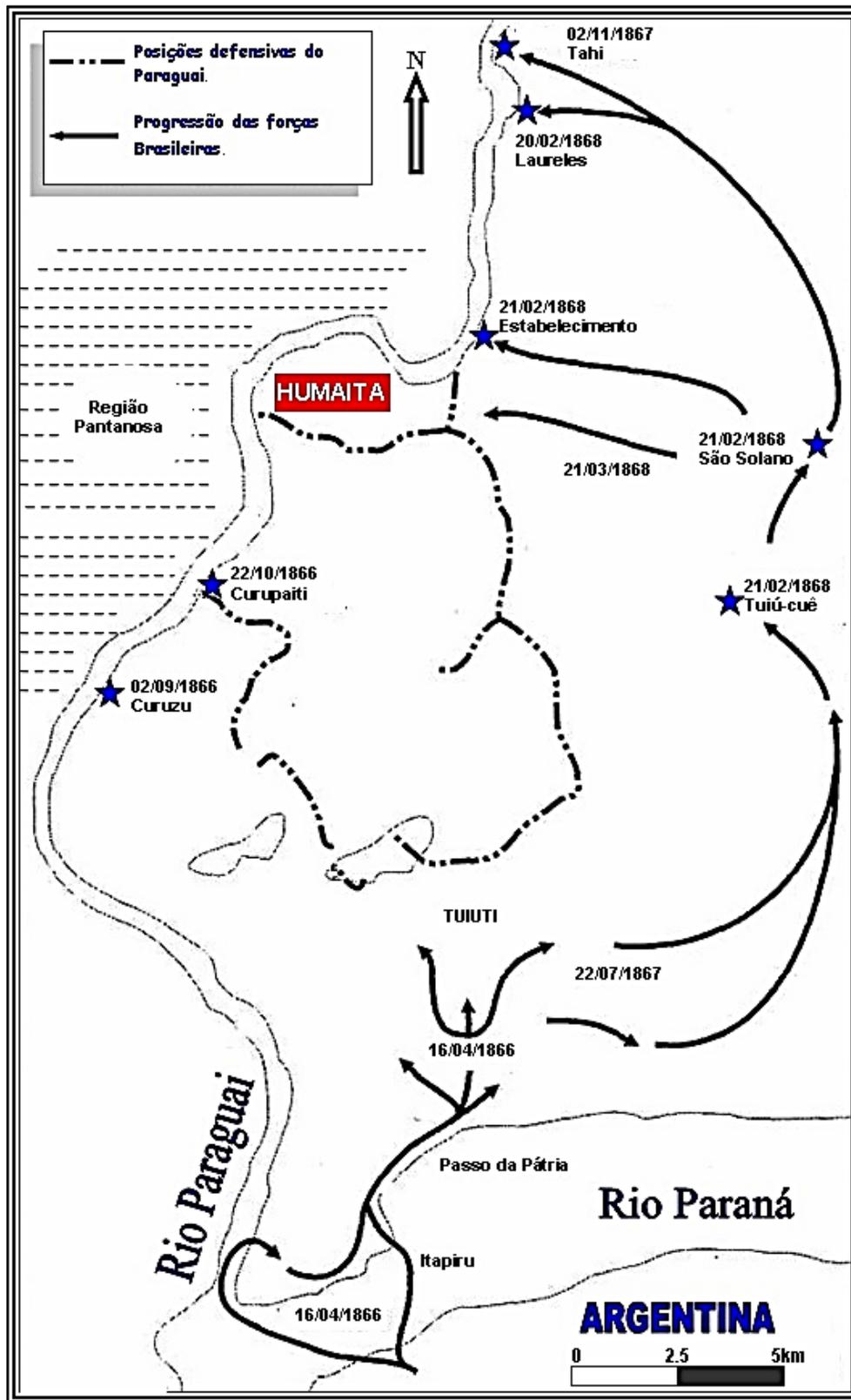


Caxias em Lomas Valentinas, na Dezembrada (Fonte: Google)



Caxias (Fonte: Claudio Moreira Bento: Caxias e a Unidade Nacional, p. 329)

(continua)



Operações das Forças Aliadas para a Passagem de Humaitá (1866-1868) (Fonte: Google)

(continua)

3 CAXIAS

Luís Alves de Lima e Silva nasceu no Arraial do Porto da Estrela (atual Magé), no Rio de Janeiro, a 25 de agosto de 1803, filho do tenente-coronel Francisco de Lima e Silva, futuro regente do Império, e de D. Mariana Cândida de Oliveira Belo. Assentou praça como cadete aos cinco anos de idade, no regimento de seu avô José Joaquim de Lima e Silva. Sua família paterna fazia parte da nobreza portuguesa que viera com D. João VI para o Brasil em 1808.

Ao completar 15 anos, foi nomeado alferes e aos 20 concluiu o curso da Real Academia Militar com distinção. Seu pai e seus tios já eram destacados militares, gozando de diversos postos de prestígio. Durante as guerras da Independência, foi enviado para a Bahia, onde se destacou no combate às tropas portuguesas que resistiam à emancipação. Logo a seguir, participou de várias missões na campanha da Cisplatina. Ao regressar do rio da Prata, foi promovido a major e designado para o comando do batalhão do imperador, tropa de elite subordinada diretamente a D. Pedro I.

Após a abdicação, chefiou a polícia militar da Corte e atuou nas lutas do período regencial. Nomeado presidente da província e comandante das armas do Maranhão em 1839, debelou a insurreição dos balaios em 1841 e recebe o título de barão de Caxias com reconhecimento¹³. A dupla nomeação de Caxias como presidente de província e chefe militar funcionou magnificamente, pois permitia cuidar da administração local e simultaneamente submeter as tropas regulares e a Guarda Nacional à sua autoridade. Esta estratégia seria adotada novamente nas duas vezes que comandou o Rio Grande do Sul.

Em 1842, reprimiu as rebeliões liberais de São Paulo e Minas Gerais.¹⁴ Logo a seguir, partiu para o Rio Grande do Sul, encarregado de pôr termo à Revolta Farroupilha, que devastava a região desde 1835. Com o apoio de Osório e outros líderes locais, recorrendo a combates quando necessário, negociando com frequência e especialmente sendo generoso e magnânimo, Caxias conseguiu finalmente assinar a Paz de Poncho Verde em 1845, encerrando uma década de batalhas e unindo novamente todos os brasileiros. Por este triunfo, passou a ser conhecido como “O Pacificador”¹⁵. Caxias retornou ao Rio Grande como presidente e comandante de armas durante as lutas contra Oribe e Rosas, entre 1851 e 1855.

Caxias teve participação fundamental na Guerra do Paraguai, assumindo a liderança do Exército imperial em 1866, logo após a derrota de Curupaiti¹⁶. Chegando ao teatro de operações, daria prioridade à administração da guerra, para em seguida tratar do planejamento tático. Reorganizou os efetivos, combateu a epidemia de cólera que vinha exterminando a soldadesca, melhorou o adestramento, as condições de saúde e de abastecimento da tropa. Do ponto de vista estratégico, simplificou os planos de campanha,

13 DONATO, **Dicionário das batalhas brasileiras**, p. 121–122.

14 *Ibid.*, p. 122–123.

15 BENTO, Cláudio M., **Caxias e a unidade nacional**, Porto Alegre: Genesis, 2001, p. 53.

16 DORATIOTO, **Maldita guerra**, p. 237–249.

determinou a formação de um 3º Corpo de Exército¹⁷, recrutado por Osório no Rio Grande do Sul, e projetou novas operações, coordenando-as com o avanço da esquadra imperial no rio Paraná. Mediou as relações, frequentemente tensas, entre o alto-comando da força naval brasileira e o general Mitre¹⁸, presidente argentino investido nas funções de comandante-em-chefe da Tríplice Aliança, mais tarde substituído pelo próprio Caxias.

Além dos inúmeros problemas no teatro de operações, Caxias ainda enfrentou as críticas provenientes de jornais e de certos setores políticos do Rio de Janeiro, que o acusavam de lentidão e de inoperância¹⁹. No entanto, é inquestionável que seu desempenho à frente das forças aliadas foi decisivo para o triunfo final na guerra.

Caxias se destacou especialmente nos combates de Estabelecimento, Avaí e Lomas Valentinas²⁰, além da marcha de flanco pelo Chaco e a entrada vitoriosa em Assunção. Ocupada a capital paraguaia, o marechal deu por encerrada sua missão, retornando ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1869. Sua chegada não teve festas nem a presença de D. Pedro II, aborrecido com sua partida do Paraguai. Contudo, o imperador enviou-lhe a Ordem de D. Pedro I e o título de duque, o único concedido fora da família imperial na História brasileira²¹.

Caxias foi senador pelo Rio Grande do Sul desde 1846, integrando o Partido Conservador. Ocupou a pasta da Guerra por três vezes, sendo que, em 1855, no governo do marquês do Paraná, contribuiu para a "política de conciliação", realizando reformas no Exército. Depois da morte de Paraná, assumiu a presidência do Conselho, função que voltaria a ocupar em dois outros gabinetes do Segundo Reinado. Durante sua última presidência, encerrou a "Questão Religiosa"²², concedendo anistia aos bispos de Olinda e do Pará. Durante toda a sua carreira, gozou da total confiança de D. Pedro II. Retirou-se da vida pública já septuagenário, coberto de condecorações e honrarias, além do respeito e da admiração geral. Faleceu a 8 de maio de 1880, em Juparanã, no Rio de Janeiro.

4 CONCLUSÃO

Após a morte de Osório e Caxias, foram erguidos monumentos a ambos no Rio de Janeiro, e posteriormente em outros lugares do Brasil. Desde os últimos anos do Império, eram realizadas celebrações em homenagem a Osório no aniversário da batalha de Tuiuti. Osório era considerado como o maior militar

17 IZECKSOHN, Vitor; MUGGE, Miquéias H., A criação do Terceiro Corpo do Exército na província do Rio Grande do Sul: conflitos políticos resultantes da administração militar nos anos críticos da Guerra do Paraguai (1866-1867), **Revista Brasileira de História**, v. 36, n. 73, p. 183-207, 2016.

18 VAINFAS (Org.), **Dicionário do Brasil imperial**, p. 80-82.

19 DORATIOTO, **Maldita guerra**, p. 255-270.

20 *Ibid.*, p. 367-382.

21 SCHWARCZ, Lília M., **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**, 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 310.

22 VAINFAS (Org.), **Dicionário do Brasil imperial**, p. 608-611.

brasileiro, enquanto Caxias passou por um relativo esquecimento. A partir de 1923, a importância de Caxias foi resgatada e ele passou a ser progressivamente homenageado como símbolo do Exército²³. Finalmente, Caxias foi consagrado como Patrono do Exército em 1962²⁴, e Osorio tornou-se o Patrono da Cavalaria.

Ambos foram símbolos das virtudes militares: honra, abnegação, coragem, sacrifício. Seus estilos de comando foram diferentes, mas complementares. Osorio tinha a visão tática inigualável, rapidez nas decisões no campo de batalha, habilidade em improvisar quando necessário e uma audácia atordoante nos ataques. Homem do povo, era popularíssimo com a tropa e com os líderes platinos. Já Caxias era o grande estrategista, brilhante organizador, negociador soberbo e magnânimo, exemplo de honradez e dignidade, cerebral por natureza, líder nato, capaz de gestos decisivos sempre na hora certa. Nobre de origem, era admirado por todos como o maior militar da nação.

Os dois grandes militares foram fundamentais na História brasileira. Sem Osorio, toda a região do Prata teria permanecido convulsionada por longo tempo. Sem Caxias, talvez sequer existisse o Brasil de hoje, pois seu papel como Pacificador garantiu nossa integridade territorial e contribuiu de forma decisiva para que todos os brasileiros permanecessem irmãos na mesma nação.

5 BIBLIOGRAFIA

BENTO, Cláudio M. **Caxias e a unidade nacional**. Porto Alegre: Genesis, 2001.

BENTO, Cláudio M. **General Osorio: o maior herói e líder popular brasileiro**. Resende: Academia de História Militar Terrestre do Brasil : Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, 2008.

CASTRO, Celso. Entre Caxias e Osorio: a criação do culto ao patrono do Exército brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, v. 14, n. 25, p. 103–118, 2000.

DONATO, Hernani. **Dicionário das batalhas brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária (1996)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ibrasa, 2001.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIORGIS, Luiz C. C. **O Duque de Caxias dia a dia**. Academia de História Militar Terrestre / RS. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/duquediaadia.htm>>. Acesso em: 28 out. 2018.

IZECKSOHN, Vitor; MUGGE, Miquéias H. A criação do Terceiro Corpo do Exército na província do Rio Grande do Sul: conflitos políticos resultantes da administração militar nos anos críticos da Guerra do Paraguai (1866-1867). **Revista Brasileira de História**, v. 36, n. 73, p. 183–207, 2016.

23 CASTRO, Celso, Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do Exército brasileiro, **Revista Estudos Históricos**, v. 14, n. 25, p. 103–118, 2000, p. 103–112.

24 GIORGIS, Luiz C. C., **O Duque de Caxias dia a dia**, Academia de História Militar Terrestre / RS, disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/duquediaadia.htm>>, acesso em: 28 out. 2018.

SCHWARCZ, Lilia M. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SODRÉ, Nelson W. **História militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SOUZA, Adriana B. Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do duque de Caxias e do general Osorio. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 10, n. 19, p. 90–111, 2009.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Dicionário do Brasil imperial, 1822-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.



BIBLIEX LANÇA OBRA DE ACADÊMICO DA AHMTB

Foi lançado no último dia 13 de dezembro, durante a solenidade de comemoração dos 134 anos de criação da Biblioteca do Exército (BIBLIEX), Casa Barão do Loreto, no QG do Comando Militar do Sudeste, o livro *Inteligência Militar: o emprego no Exército Brasileiro e sua evolução*, com 208 páginas, de autoria do Analista de Assuntos Estratégicos e acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHMTB), Cel André Luís Woloszyn.

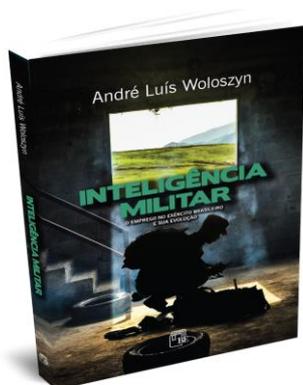
A obra, prefaciada pelos Cel Cláudio Moreira Bento, Presidente da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil e Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Seção RS, possui conteúdo inédito e é baseada em uma ampla pesquisa bibliográfica e documental, no Brasil e em Portugal, defendendo a tese de que a Inteligência Militar surgiu a época do Exército Luso-brasileiro, nas Batalhas dos Guararapes, travadas em 1648, como informação de combate e a partir desta data, esteve presente em todas as campanhas que envolveu a Força Terrestre, em maior ou menor intensidade.

O autor traça uma análise de oito das principais campanhas, de 1648 à 1944 que compreende o período histórico da Batalha dos Guararapes à 2ª Guerra Mundial e como a informação de combate e, posteriormente, informação militar e atualmente inteligência militar era percebida pelos comandantes no teatro de operações, considerando os meios e as tecnologias disponíveis nestas diferentes épocas. Assevera, que até a Guerra do Contestado (1912-1916) os comandantes andavam às cegas pela inexistência de mapas cartográficos detalhados e estradas. Os métodos de coleta e busca de dados e informações seguiam um padrão internacional como conhecimento empírico uma vez que ainda não existia uma doutrina para a atividade, o que só ocorreria a partir da 2ª Guerra Mundial.

O livro aborda, ainda, com riqueza de detalhes, a espionagem no Brasil por parte de agências de informações estrangeiras e como era tratado a questão junto a Força Expedicionária Brasileira (FEB) no teatro de Operações da Itália com documentos e fotos ilustrativas. Nos últimos capítulos, apresenta a evolução da atividade de Inteligência Militar no Exército Brasileiro no período da Guerra Fria e pós-Guerra

Fria, oportunizando uma análise acerca da evolução da atividade em 370 anos de história de crises e conflitos.

Do mesmo autor a BIBLIEX publicou Terrorismo Global (2010) e Ameaças e Desafios à Segurança Humana no Séc. XXI (2013) além de diversos artigos nas Revista do Exército e Defesa Nacional.



Obra: Inteligência Militar: o uso pelo Exército Brasileiro e sua evolução

Autor: André Luís Woloszyn

Edição: 2018

Páginas: 208 p.

Editora: Biblioteca do Exército

VOCÊ SABE A ORIGEM DA PALAVRA "CADETE"?

É um substantivo masculino. Seu significado é "Aspirante a Oficial". A origem é do latim "capitellum", que significa "cabecinha". Evoluiu o termo para o gascão "capdet", (da Gasconha, região do sudoeste da França) e depois para o francês "cadet" (CUNHA, Antonio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, 2ª edição, p. 135).

O Brasil já foi decente

(Artigo publicado na edição de 27 de dezembro de 2018 do jornal Correio do Povo, de Porto Alegre) - Autoria do Jornalista Rogerio Vaz Mendelski (apud Biblioteca Nacional RJ, IMS RJ, Diário de Pedro II, Acervo Museu Imperial de Petrópolis RJ, IHGB, FGV, Museu Nacional RJ, Bibliografia de José Murilo de Carvalho)

Quando D. Pedro II, imperador do Brasil, subiu ao trono, em 1840, 92% da população brasileira viviam no analfabetismo. Em seu último ano de reinado, em 1889, essa porcentagem era de 56%, devido ao seu grande incentivo à educação, à construção de faculdades e, principalmente, de inúmeras escolas, que tinham como modelo o excelente Colégio Pedro II.

A imperatriz Teresa Cristina cozinhava as próprias refeições diárias da família imperial apenas com a ajuda de uma empregada (paga com o salário de Pedro II).

Em 1880, o Brasil era a 4ª economia do Mundo e o 9º maior império da história e a receita tributária provinha de 14 impostos (hoje são 98 tipos de tributos). A média da inflação foi de 1,08% ao ano e a moeda brasileira tinha o mesmo valor do dólar e da libra

esterlina. O Brasil tinha a segunda maior e melhor marinha do mundo, perdendo apenas para a da Inglaterra.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina e o segundo no mundo a ter ensino especial para deficientes auditivos e deficientes visuais.

O Brasil foi o maior construtor de estradas de ferro do mundo, com mais de 26 mil km.

A imprensa era livre tanto para pregar o ideal republicano, quanto para falar mal do nosso imperador. "Diplomatas europeus e outros observadores estranhavam a liberdade dos jornais brasileiros", conta o historiador José Murilo de Carvalho. Mesmo diante desses ataques, D. Pedro II se colocava contra a censura. "Imprensa se combate com imprensa", dizia.

O maestro e compositor Carlos Gomes, de "O Guarani" foi sustentado por Pedro II até atingir grande sucesso mundial.

Pedro II mandou acabar com a guarda chamada Dragões da Independência por achar desperdício de dinheiro público. Com a República, a guarda voltou a existir.

Em 1887, Pedro II recebeu os diplomas honorários de Botânica e Astronomia pela Universidade de Cambridge. D. Pedro era poliglota e a primeira tradução do clássico árabe "Mil e Uma Noites" foi feita por ele, do árabe arcaico para o português do Brasil.

D. Pedro II doava 50% de sua dotação anual para instituições de caridade e incentivos para educação com ênfase nas ciências e artes.

Pedro II fez um empréstimo pessoal a um banco europeu para comprar a fazenda que abrange hoje o Parque Nacional da Tijuca. Em uma época que ninguém pensava em ecologia ou desmatamento, Pedro II mandou reflorestar toda a grande fazenda de café com mata atlântica nativa.

A mídia ridicularizava a figura de Pedro II por usar roupas extremamente simples, e o descaso no cuidado e manutenção dos palácios da Quinta da Boa Vista e Petrópolis. Pedro II não admitia tirar dinheiro do governo para tais futilidades. Alvo de charges quase diárias nos jornais, mantinha a total liberdade de expressão e nenhuma censura. D. Pedro II andava pelas ruas de Paris em seu exílio sempre com um saco de veludo ao bolso com um pouco de areia da praia de Copacabana. Foi enterrado com ele. Foi o que "roubou" do Brasil!

(Fonte: Biblioteca Nacional RJ, IMS RJ, Diário de Pedro II, Acervo Museu Imperial de Petrópolis RJ, IHGB, FGV, Museu Nacional RJ, Bibliografia de José Murilo de Carvalho)



Editor

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e

www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>